



**TEOCRASÍLIA, DE DENIS MELLO: UMA ANÁLISE DO  
FUNDAMENTALISMO COMO FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO PELO  
MEDO**

***TEOCRASÍLIA, BY DENIS MELLO: AN ANALYSIS OF FUNDAMENTALISM AS  
A TOOL OF DOMINATION THROUGH FEAR***

BRUNO LEONARDO RAMOS ANDREOTTI  
<https://orcid.org/0000-0003-3665-7760>  
Doutor em História pela PUC-SP  
[brandreotti@gmail.com](mailto:brandreotti@gmail.com)

NATANIEL DOS SANTOS GOMES  
[0000-0003-3911-1552](https://orcid.org/0000-0003-3911-1552)  
Doutor em Linguística pela UFRJ  
[nataniel@uems.br](mailto:nataniel@uems.br)

**RESUMO**

Este artigo analisa a obra "Teocrasília," do quadrinista Denis Mello, explorando como o pensamento fundamentalista evangélico é apresentado na construção do cenário distópico, articulando-o com elementos histórico-políticos do Brasil. A distopia, entendida como a negativa extrapolação do status quo, destaca-se ao representar, de forma exacerbada, os elementos do fundamentalismo evangélico que se destacam no Brasil contemporâneo. Publicada inicialmente em 2016 como um zine, a série evoluiu para sua forma atual pela Editora Guará em 2021, com previsão de seis volumes e três já publicados. Os volumes lançados apresentam a Teocrasília como uma espécie de realização política do projeto fundamentalista evangélico, alertando para os possíveis efeitos dessa concretização. O artigo destaca que toda utopia, mesmo a fundamentalista, implica uma distopia, ressaltando a relevância crítica da série diante das dinâmicas contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teocrasília; fundamentalismo; distopia.

**ABSTRACT**

This article examines the comic "Teocrasília" by the artist Denis Mello, exploring how evangelical fundamentalist thought is portrayed in the construction of the dystopian scenario, articulating it with historical-political elements of Brazil. The dystopia, understood as a negative extrapolation of the status quo, stands out by representing, in an exaggerated manner, the elements of evangelical fundamentalism that are prominent in contemporary Brazil. Originally published in 2016 as a fanzine, the series evolved into its current form by Editora Guará in 2021, with a planned six-volume series, three of which have already been published. The released volumes depict Teocrasília as a kind of political realization of the evangelical fundamentalist project, warning of the potential effects of this concretization. The article emphasizes that every utopia, even the fundamentalist one, implies a dystopia, highlighting the critical relevance of the series in the face of contemporary dynamics.

**KEY-WORDS:** Teocrasília; fundamentalism; dystopia.



## INTRODUÇÃO

De acordo com a carta do apóstolo Paulo escrita para os cristãos de Tessalônica<sup>1</sup>, percebemos que ele e a comunidade cristã da época tinham a expectativa de que o Cristo voltaria para instaurar seu Reino ainda durante sua geração. “Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.” (apóstolo Paulo, 1 Tessalonicenses 4.15 – ARC). Passados dois mil anos, isso não aconteceu e gerou inúmeras interpretações do Apocalipse, das mais inofensivas às mais deturpadas, gerando grupos fundamentalistas<sup>2</sup> que afirmavam que tinham a data e sabiam detalhes sobre o fim dos tempos, em franca contradição com as palavras do próprio Cristo de que não se saberia a hora do acontecimento. (Mateus 24.36)

No 1º século da era cristã já eram crescentes as disputas de narrativas, ao ponto de haver gente que saía de cidade em cidade caçando hereges, acusando-os, gerando tumultos e intranquilidade. O apóstolo Paulo, por exemplo, era considerado herege por muitos, afinal havia deixado o judaísmo e entrado na nova religião, que anunciava que um jovem rabino, morto como um criminoso, havia ressuscitado e era o Messias. Além disso, havia curandeiros, misturando diversos cultos diferentes<sup>3</sup>, para tornar a religião mais palatável. Mesmo entre os cristãos, havia aqueles que ofereciam cura em troca de dinheiro. Religião naquela época, já era um bom negócio para muita gente, que ensinava o que não entendia, usando o “texto bíblico”, uma vez que o cânon não estava totalmente fechado, como um invólucro para as suas cobiças. Homens arrogantes e soberbos, envoltos em uma suposta piedade performática, presos aos processos de fantasia, de mentes inchadas e delirantes, lutando por uma suposta verdade encontrada no texto, em

---

<sup>1</sup> A carta do apóstolo Paulo a essa comunidade cristã é, possivelmente, o documento mais antigo do Novo Testamento, escrito por volta de 50 d.C. Tessalônica era a cidade mais populosa e próspera da Macedônia, por ali passava a principal estrada de ligação entre Roma e a Ásia.

<sup>2</sup> Seguimos Nogueira, quando ele afirma que “igrejas e comunidades das mais diversas são fundamentalistas, ainda que não sejam intituladas como tal. (...) O Fundamentalismo não só no Brasil, mas também nos EUA, onde se originou, está disseminado entre as diversas igrejas protestantes e é propagado por diversas organizações para-eclésiásticas.” (NOGUEIRA, 2002, p. 32).

<sup>3</sup> Como diz Boff: “A Igreja em sua estrutura apresenta-se tão sincrética como qualquer outra expressão religiosa [...] o cristianismo puro não existe, nunca existiu nem pode existir. [...] O sincretismo, portanto não constitui um mal necessário nem representa uma patologia da religião pura. É sua normalidade.” (BOFF, 1982, p. 150-151).



uma verdadeira disputa de narrativas. Nesse sentido, a ortodoxia paulina sofria de difamação contra tudo e todos, conforme os interesses, escrutinada na busca de benefícios para a alma ou na justificativa para fixações emocionais, psicológicas e espirituais. E olha que não havia redes sociais virtuais com seus algoritmos naquela época! De lá para cá, as coisas assumiram dimensões que nem o apóstolo podia imaginar, em crescente desonestidade para consigo e para os devaneios criados, como minhocas que se disfarçam de anacondas.

As interpretações contemporâneas do Apocalipse que a igreja evangélica tem criado, são também pré-condicionadas pela leitura moral e política que ela faz da humanidade. São profecias que se voltam para as Américas contra o materialismo, as drogas, os abusos cristão-evangélicos, as rupturas eclesiais etc., sempre temas óbvios para qualquer pessoa que esteja minimamente informada. Estranhamente, a maioria da comunidade evangélica ignora, nessa interpretação, nações que têm práticas cotidianas da desigualdade, da opressão e da ditadura. Isso, talvez, porque não apareça como agenda moral da igreja, embora mesmo presente em larga escala naqueles lugares, se preocupando muito mais com o casamento gay do que com a destruição de vidas humanas pela violência, pela desigualdade, pela perseguição étnica, racial ou religiosa, ou ainda, pela crise ambiental no mundo inteiro! Essas experiências subjetivas são sempre muito pré-condicionadas para tê-las.

Essa leitura moral e política que a igreja evangélica faz da humanidade é o principal elemento para a constituição do cenário distópico da HQ *Teocrasília*, obra do quadrinista Denis Mello. O presente texto procura expor como o fundamentalismo evangélico é elemento central na ambientação distópica de *Teocrasília*.

### **O dispensacionalismo e o fundamentalismo evangélico**

O dispensacionalismo surgiu com Jon Nelson Darby, líder dos Irmãos de Plymouth, na Inglaterra, no século XIX. O religioso afirmava haver descoberto verdades bíblicas, que não haviam sido reveladas durante séculos, nem mesmo aos apóstolos, com base nas visões de Margaret McDonald que dizia ter experimentado uma visão dos cristãos sendo arrebatados, em um período da história que ela chamou de Grande Tribulação. A essa visão, minimamente estranha, ele misturou um caldeirão de “novas

revelações” e criou a teologia dispensacionalista, com base na interpretação literal das



profecias. Tal modelo de análise se tornou muito popular, devido ao trabalho de grande popularização por parte de seus seguidores por meio de uma enxurrada de livros, folhetos e artigos publicados, numa verdadeira onda de doutrinação, como a *Bíblia de Scofield*, uma Bíblia com anotações feitas por Scofield, seguidor de Darby. Scofield se tornou ministro evangélico três anos depois de se tornar um cristão, escreveu os comentários da Bíblia, sem nenhuma formação teológica e, ao colocar suas observações junto aos textos apostólicos, conseguiu a visibilidade que não teria de outro modo, com sua interpretação simplista e deformada dos textos bíblicos. Afinal, discordar de Scofield seria o mesmo que discordar do texto bíblico!

Um dos livros que mais ajudou a impulsionar o dispensacionalismo no Brasil foi *O Plano Divino Através dos Séculos*, de Lawrence Olson, pastor norte-americano que morou no Brasil durante anos e foi missionário das Assembleias de Deus. O livro descreve que a única forma de entender as intenções de Deus é por meio de suas manifestações na história, que ele chama de dispensações, em que cada período tem uma ação divina. Assim, o texto apresenta de forma bastante detalhada a “ação de Deus durante a história da humanidade”. O mapa abaixo, que fez e faz sucesso entre os evangélicos, é uma amostra de como se entendia o início e fim da humanidade a partir dessa teologia, de Gênesis a Apocalipse.

A premissa do mapa publicado nos anos 1970 com muito sucesso, antes mesmo do êxito atual dos infográficos pelo mundo inteiro, era apresentar toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, passando pela dimensão espiritual, por meio de desenhos. Cada “era” representa uma “dispensação”. O sucesso pode ser explicado pela baixa escolaridade dos seus leitores que buscavam um método simples para entender as profecias bíblicas.

**Figura 1** – O plano divino através dos séculos



Fonte: <https://www.cpad.com.br/mapa---o-plano-divino-4403/p>

Os defensores do dispensacionalismo usam a palavra grega *oikonomia*, em português, “dispensação”. O termo grego é usado pelo apóstolo Paulo com o sentido de algo como “administração da casa”. Logo, seus defensores entendem que Deus age como se fosse um administrador e ocasionalmente intervém no mundo, assim todas as épocas estão entrelaçadas aos propósitos divinos, que se dividem em sete períodos ou dispensações. Além disso, entendem que o povo judeu tem um papel muito importante no futuro da humanidade, inclusive com certos privilégios divinos, gerando uma hermenêutica, no mínimo, esquisita.

Sem dúvida, que o mapa acima ajudou a disseminar uma escatologia simples e literal em território brasileiro, quando boa parte da população era iletrada, antes de sua publicação no livro. Esse tipo de interpretação literal era bastante didática e rompia com as diferenças de formação escolar, principalmente com o livro sendo considerado um item de luxo. Com a premissa do proselitismo, interpretações assim eram de fácil entendimento e, conseqüentemente, de fácil reprodução. Naquele contexto, o estereotipo do crente era de alguém que recitava a Bíblia, manifestando o uso decorado de versículos da leitura e da interpretação popular do livro sagrado dos cristãos, quase sempre desqualificando leituras mais técnicas ou desconsiderando saberes científicos, algo bem em moda ultimamente não só por evangélicos! Houve um tempo que esse tipo de mapa era emoldurado e colocado na casa de muitos fieis, como uma forma de mostrar sua identidade ou mesmo como ferramenta para apresentar sua fé aos vizinhos que pudessem visitar sua residência, quase como se fosse um mapa do tesouro, no caso para a vida eterna, o que mantinha um constante diálogo entre o fiel e sua interpretação do Apocalipse.

O outro fator que ajudou a popularizar tal conceito estava ligado ao fim do século, algo que traz ansiedade e medo do fim para a maioria dos leigos, principalmente quando a população tem pouco acesso ao estudo, como era quando essa escatologia chegou ao Brasil, no início do século XX, no Pará, por meio dos missionários da Assembleia de Deus.



Alguns grupos pentecostais, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, defendem quatro pontos em sua teologia: Jesus cura, batiza com Espírito Santo, salva e vai voltar. O último item passou a ser entendido de forma mais fácil a partir de interpretações literais e pouco ortodoxas, como o dispensacionalismo. Tal sistema não está restrito a uma denominação, mas se alastrou pelos grupos evangélicos como vírus, sem controle.

O dispensacionalismo está baseado em três pressupostos básicos:

1. A interpretação literal das Escrituras. Para citar um exemplo, as “profecias” do Antigo Testamento com relação a Israel devem se cumprir literalmente. Se Israel tinha a promessa de possuir uma porção de terra no Oriente Médio, significa que deve ter aquele território como posse eterna, como um tipo de antecipação da Nova Jerusalém celestial!

2. A dicotomia entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. O dispensacionalismo nega qualquer tipo de relação entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. Seguindo a análise literal, afirma que as profecias do Antigo Testamento devem se cumprir em Israel, como “povo de Deus na terra” (sic) e a igreja seria o “povo celestial de Deus” (sic), assim, Israel passará a eternidade na “nova terra” e a igreja, no “céu”. Um verdadeiro malabarismo de interpretação para justificar esses pressupostos!

3. A Igreja é um parêntese que não havia sido previsto no Antigo Testamento. Essa terceira pressuposição afirma que a Igreja não foi profetizada no Antigo Testamento e que Israel aguarda a saída da Igreja do mundo para desempenhar o seu papel na agenda divina após o “arrebatamento”.

Assim, pode-se resumir as ideias do dispensacionalismo com

(...) a existência de sete dispensações, sendo elas: a da inocência, a da consciência (ou responsabilidade moral), a da promessa, a da lei, a da graça e a do reino, sendo que “dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é provado quanto à obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus”. (...) se o homem tivesse preenchido todas as condições necessárias na primeira dispensação, as outras seriam desnecessárias; porém, o homem falhou e continuou a falhar a cada chance dada nas demais dispensações, o que demonstra o fracasso humano e a misericórdia divina. (SEBASTIÃO, 2010, p. 21)

O dispensacionalismo está ligado ao fundamentalismo evangélico, conforme veremos a seguir, com todas as suas implicações.

Para Nogueira, “o fundamentalismo e a sua leitura bíblica são uma das principais vozes dentro do protestantismo nacional” (2002, p. 32), que vem por influência da igreja



norte-americana e fez missão no território brasileiro durante o século XX. Daí a importância de entender o que é fundamentalismo e suas principais ideias.

O século XIX apresenta uma série de transformações na realidade norte-americana: os Estados Unidos estavam deixando de ser um país agrícola para se tornar uma nação industrializada e isso implicava numa mudança na religião que se tornava mais “liberal” e “progressista”, quase “secular”. O modelo anterior já não dava conta de responder ao mundo que se apresentava ali. Nesse contexto, o conservadorismo dá luz ao “fundamentalismo”, que pregava leituras literais do texto sagrado dos cristãos, tentando se manter fiel à tradição herdada, assumindo um caráter de “monitoração e ‘monotonização’ discursiva, advogada pelos fundamentalistas e seus seguidores” (CASTRO, 2003, p. 50).

O fundamentalismo surge como uma resistência aos movimentos modernistas e liberais, que acreditavam, respectivamente, que a Bíblia e seus dogmas deveriam ser questionados a partir da ciência e que a ciência seria o instrumento para instauração do “Reino de Deus”, transformando a sociedade e reduzindo sua desigualdade. Ocorre, que com essa iniciativa de mudança o mundo caminha para o empobrecimento no que diz respeito, sobretudo, ao desenvolvimento acerca dos estudos teológicos. Como o “objetivo explícito era o de despertar o interesse no resgate do passado, no ressurgimento de uma identidade supostamente perdida” (CASTRO, 2003, p.13), esse tipo de investigação passa a ser parte de uma retomada a princípios de dogmatização em uma esteira de repetição sistemática.

Sendo o fundamentalismo uma reação ao modernismo e ao liberalismo teológico do século XIX, teve a intenção de proteger o protestantismo da apostasia e salvar a América e o mundo do socialismo. Opondo-se aos métodos históricos e críticos para análise do texto bíblico, apresentou claramente suas opções ideológicas, inclusive, impedindo os avanços da ciência nas escolas norte-americanas e proibindo o ensino da Teoria da Evolução, só para citar um exemplo. Parece que a história se repete com muito mais frequência do que imaginávamos!

Conforme Nogueira (2020, p. 35-36),

O Fundamentalismo tinha uma epistemologia bastante simplista, mas muito aceita na época, consistindo numa espécie de caricaturada da filosofia de Francis Bacon, filósofo empirista inglês do século XVII, a “filosofia do senso



comum”. Este baconianismo americano se caracterizava por ser antiespeculativo, antimetafísico, buscava conhecimento intuitivo, examinava os fatos ajuntando-os e classificando-os.

O fundamentalismo em sua opção ideológica foi contra o movimento de igualdade racial, liderado pelo reverendo Martin Luther King; apoiou a Guerra do Vietnã, em alguns casos; chegou a ingressar na Ku Klux Klan; além de apoiar as ditaduras na América Latina em nome do estilo de vida norte-americano, em franca oposição aos movimentos sociais de esquerda da época. Ele se espalhou pelo mundo lutando contra ideias plurais, relativistas ou algum outro que tivesse relação com a Modernidade.

É por lutas como essa que nos importa trazer à tona, nesta discussão, o fato de como alguns posicionamentos, oriundos de ideias fundamentalistas estão diretamente ligados a interpretações equivocadas dos livros sagrados, a exemplo, como já mencionado, o livro de Apocalipse. A partir do momento em que os indivíduos não conseguem olhar para as diferenças, crendo apenas nos seus próprios sistemas de “verdades”, o sentido dos ensinamentos de Cristo perde a razão, tornando-se uma lei fria e opressora. E o pior é nos darmos conta de que, diariamente, nos deparamos com ataques promovidos por fundamentalistas cristãos, que julgam e se mostram intolerantes ante grupos, igrejas ou religiões diferentes da sua.

O texto do professor Waldir Augusti e do padre Antônio Luís Marchioni, *Por que falamos tanto em fundamentalismo religioso hoje em dia?*<sup>4</sup>, publicado no site *Carta Capital*, traz uma leitura do cenário político-religioso do país na atualidade. Nele, o reverendo Carlos Eduardo Calvani, da Igreja Anglicana do Brasil, se posiciona acerca de determinadas ações partidárias com fundo religioso, sob uma perspectiva crítica ao fundamentalismo evangélico realizado em nome da fé. Para Calvani (2020),

Os evangélicos têm um projeto político muito perigoso para o Brasil. Utilizam as Escrituras Sagradas do modo como lhes convém, para interferir na Comissão de Direitos Humanos, para propor ou alterar leis e infringir descaradamente as cláusulas pétreas da Constituição Federal. Eles se infiltram nos partidos e conseguem ser eleitos para cargos no executivo e no legislativo [...] No fundo, seu projeto é acabar com as manifestações religiosas com as quais não compartilham, sejam elas católico-romanas, espíritas, do candomblé, umbanda ou de qualquer outra religião que não a deles; desejam interferir na orientação sexual privada das pessoas “em nome de Deus”; fazem acusações levianas de que o movimento LGBT deseja acabar com as famílias; querem

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/por-que-falamos-tanto-em-fundamentalismo-religioso-hoje-em-dia/>>



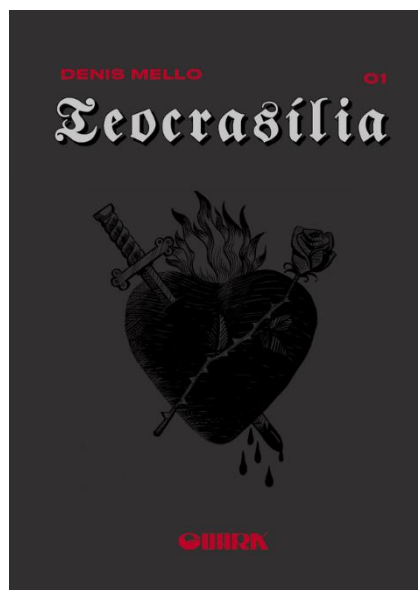


dominar o ensino religioso nas escolas públicas e, se conseguirem tomar o poder, não hesitarão em se infiltrar nas forças armadas utilizando o potencial bélico brasileiro para seus objetivos.

## **Teocrasília**

Pode-se entender uma distopia como uma extrapolação negativa do status quo à época de sua funcionalização ficcional (FERREIRA, 2015, p.61) e é justamente o pensamento fundamentalista evangélico que é o elemento do status quo do Brasil contemporâneo que aparece como negativamente extrapolado em *Teocrasília*, série em quadrinhos de autoria de Denis Mello. *Teocrasília* tem sua publicação inicial em 2016, em formato zine e em 2021 o projeto toma a forma atual pela Editora Guará, com previsão de conclusão em seis volumes, com três publicados até o momento: *O Fim da Inocência* (2021), *As Sombras do Cárcere* (2021) e *Laços de Sangue* (2023).

**Figura 2** – Capa do primeiro volume de *Teocrasília*



Fonte: MELLO, 2021a

Na história somos introduzidos em um futuro não muito distante em que o poder foi tomado por meio da Bancada da Palavra, um movimento tanto político institucional quanto religioso, uma referência bem explícita à Bancada Evangélica, em que o Brasil se livrou de todo comunismo e esquerdismo, em alusão aos temores infundados de uma conspiração comunista que assombra o imaginário de uma parte da extrema direita



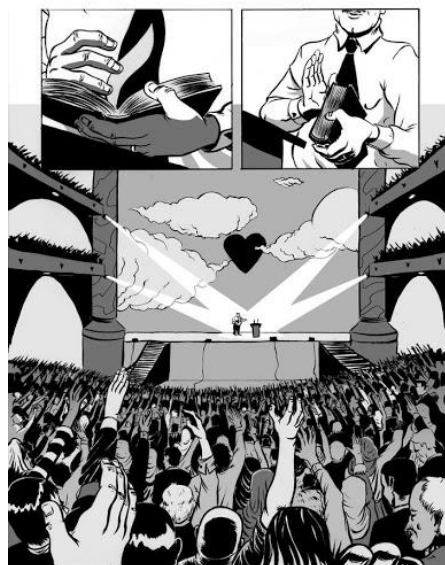
brasileira e do pensamento fundamentalista evangélico. No primeiro volume, em um culto da Bancada da Palavra, um de seus pastores diz:

[...] Eu preciso lembrá-los, irmãos, como somos abençoados. Abençoados de viver em uma nação temente a Deus! Uma nação sem pecados, regida pelos princípios de Nosso Senhor. Uma nação que exorcizou o demônio do comunismo! Que expurgou a podre esquerda vermelha! Que triunfou na restauração dos princípios do homem de bem! Sabem por eu gosto de lembrar vocês disso, povo de Deus? Porque a memória do cidadão muitas vezes é curta. Para que não voltemos a errar, é importante lembrar, irmãos e irmãs. Víamos pederastia aos montes das ruas! Até na tv! Uma praga se espalhando entre as crianças do nosso país. Uma escola que incentivava isso! Um ensino ideológico, meus irmãos! Que fazia lavagem cerebral em nossa prole. Cujo único intuito era levar eles em direção ao Inimigo e nenhum outro! Uma nação nas mãos do Espinhoso! Com drogas infestando os lares...” (MELLO, 2021, p. 29-32).

No trecho é possível notar a visão sectária de mundo advinda do fundamentalismo evangélico, que exclui qualquer diversidade, ao mesmo tempo em que vê um pânico moral no “ensino ideológico”, em referência ao movimento Escola Sem Partido, que entendia que há “um problema gravíssimo que atinge a imensa maioria das escolas e universidades brasileiras: a instrumentalização do ensino para fins ideológicos, políticos e partidários” (QUEM SOMOS NÓS, 2023), mas também associada ao Mal, compondo assim um inimigo que une o comunismo e o comunista, a homossexualidade e ao uso de drogas como moralmente condenável e à lavagem cerebral de crianças e adolescentes nas escolas, associando esses elementos ao diabo. Após relembrar as mazelas que ficaram no passado do mundo de *Teocrasília*, o pastor continua:

Mas nós fomos libertos! Aleluia! Graças à ação milagrosa dos nossos amados gran-pastores! Que trabalharam duro naquele antro de demônios que era Brasília através da Bancada da Palavra! E hoje, meus irmãos, somos vitoriosos! Sabem por quê? Porque esse é o desejo de Deus! E Deus é maior que tudo e que todos! Em nome de Jesus, irmãos, temos o Divino Altar em Brasília cheio de pastores iluminados. Triunfamos agora e para sempre! O tempo da depravação chegou ao fim! E, lembrem-se! Na Legião do Altar estão nossos guerreiros sagrados! Na suspeita de qualquer atitude subversiva e transgressora não hesite em denunciar ao legionário mais próximo (MELLO, 2021, p.32-33).

**Figura 3** – Culto evangélico como parte do cotidiano fundamentalista que o Brasil foi envolvido na visão de Denis Mello.



**Fonte:** MELLO, Denis. *Teocrasília*. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021, p. 30.

Como somos informados, a Bancada da Palavra instituiu o governo denominado Divino Altar, estabelecendo uma espécie de teocracia no Brasil, fazendo alusão também à Legião do Altar, espécie de força paramilitar opressora e repressora do Estado, conclamando cidadãos e fiéis (no cenário de *Teocrasília* significando a mesma coisa) para que denunciem atitudes subversivas. O estímulo ao denunciismo remonta também à prática governamental do período da Ditadura Militar no Brasil. No cenário existem os chamados *Campos de Reconsagração*, referência bastante explícita também aos campos de concentração nazistas, para onde são levados aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos pelo governo, onde pessoas são submetidas à tortura por militares, conforme visto nos volumes 2 e 3 de *Teocrasília*, prática que também remonta ao período da Ditadura Militar.

**Figura 4** - Políticos conhecidos do público brasileiro representados na ditadura moral-religiosa em *Teocrasília*, de Denis Mello.



Fonte: MELLO, Denis. *Teocrasília*. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021, p. 13.

Em resumo, no mundo de *Teocrasília* não há liberdade religiosa e as pessoas são obrigadas a seguir a conduta moral ditada pela Bancada da Palavra, espécie de utopia fundamentalista evangélica realizada no Brasil.

Na história também acompanhamos a resistência ao Divino Altar, consubstanciado no *Retiro Solidário Laico* (ReSola), um lugar em que é possível desfrutar de liberdades e direitos retirados pelo atual regime político, como, por exemplo, a liberdade religiosa e de culto. No panfleto que busca atrair pessoas para o ReSola, uma peça ficcional que é artifício recorrente de Denis Mello para que possamos de fato imergir no universo criado, pode-se ler:

É importante lembrarmos de tudo que ocorreu, não devemos nos deixar seduzir pela tentação de esquecer e naturalizar o período pelo qual estamos passando porque as coisas não estão certas, e você sabe muito bem disso. São tempos obscuros e o regime teocrático montou uma forte estrutura de acobertamento para que a massa aceite sem pestanejar o que está acontecendo, e certamente as coisas piorarão muito nos próximos anos, com gerações inteiras crescendo dentro de uma nação alienada e alienante. Filhos e filhas que não terão noção do que é uma vida com liberdade de escolhas e pensamentos, com vasta produção cultural e entretenimento, uma vida de crescimento a partir das diferenças. Temos fanáticos religiosos que acreditam que o país é um paraíso, ignorando conscientemente que seus pastores são os que mais desviam da conduta por eles estabelecida, abusando de drogas, prostituição e, principalmente corrupção, enriquecendo à custa dos fiéis? Com certeza! Assim como temos loucos fascistas que esperaram a vida toda um momento como esse para poder exercer o poder sobre o próximo, e a Legião do Altar possibilitou isso. (MELLO, 2021, p. 54)



É interessante contrapor o discurso do pastor ao panfleto. Enquanto o passado é demonizado pelo culto religioso, é idealizado pelo discurso panfletário, e pelos mesmos motivos: uma vida livre a partir da diversidade. Outro ponto interessante é a acusação de hipocrisia, de que os líderes da Legião do Altar não vivem de acordo com os princípios que eles mesmos pregam.

Como toda distopia, a de *Teocrasília* também tem um caráter pedagógico de alerta, apontando o que deve ser mudado na realidade presente, com um chamado à ação (FERREIRA, 2015, p.72-73), alertando para os riscos das implicações políticas de um fundamentalismo religioso.

### **Implicações para a igreja evangélica**

As interpretações dispensacionalistas têm uma gama imensa de implicações para a igreja evangélica brasileira, filha do fundamentalismo norte-americano dos séculos XIX e XX. Vale lembrar que a igreja evangélica não é um movimento monolítico, mas apresenta inúmeras manifestações e abordagens, mas nossa abordagem mostra o que tem predominado em termos de pensamento, principalmente, entre pentecostais e neopentecostais, mas não exclusivamente, chegando aos currais protestantes. Para entender o imaginário religioso protestante (vide ALVARENGA, 2013).

A ortodoxia fundamentalista está ligada à moralidade externa, promovem-se atitudes comportamentais para os fieis, que beiram à hipocrisia e à insanidade. Como o “arrebatamento” que pode ocorrer a qualquer momento, o fiel deve manter a santidade, segundo, claro, o dogmatismo estabelecido, para poder ser levado por Deus.

Outra implicação é o proselitismo, já que o momento é uma oportunidade de “ganhar almas para Jesus”, posto que Cristo pode levar seu povo a qualquer instante, não pode deixar ninguém para trás, quando ele vier buscar a igreja. Tais conversões em massa, que têm acontecido, não seriam fruto de estratégia de marketing ou medo, mas do cumprimento de profecias bíblicas. Por isso certos livros fazem tanto sucesso, como a série *Deixados para trás*, que apela para o terrorismo, para alguma hecatombe nuclear, guerra, fome, doenças (a pandemia do Covid-19 foi a “onda perfeita” para se “surfear” no “mar” fundamentalista!), unificações monetárias, o crescimento de organizações internacionais, entre outras fontes para criar teorias da conspiração e mentiras com ar de



verdade e piedade cristã. A prática das missões está muito ligada ao risco imaneente do “arrebatoamento”, talvez o maior incentivador da prática missionária desde o século XX, já que a história foi escrita antecipadamente e o Apocalipse deve ser visto como um exercício de leitura de um futuro que se aproxima.

Graças a esse modelo criou-se a ideia que é inútil lutar contra guerras, a fome e mesmo contra a desigualdade, e apoiar quem tente fazê-lo, já que são acontecimentos inevitáveis e foram predeterminados por Deus, para que possa julgar e condenar os não fiéis. Esse pensamento extremamente maniqueísta ignora os inocentes e leva a comunidade da fé a ter uma vida pautada no egoísmo e numa fé individualista. Algo inédito para o cristianismo institucional durante praticamente 20 séculos, além de criar um corporativismo evangélico absolutamente etnocentrista, que se preocupa apenas com os seus, desconsiderando o próximo, com citações bíblicas tiradas de contexto que apoiam tais barbaridades. O fiel de classe média, por exemplo, reclama que ganha pouco e é explorado pelo seu patrão e/ou governo, mas acha um absurdo assinar a carteira de trabalho de sua empregada doméstica e busca sempre um jeito de se dar bem!

Sua pauta religiosa é ortodoxa-moralista-heterônoma, oriunda das trincheiras de grupos e lideranças religiosas que sentiram o escanteamento da religião por conta da evolução da ciência e do otimismo com a Razão, especialmente de meados do século XIX ao início do século XX. (DUSILEK, 2020, s.p.)

Assim a igreja evangélica brasileira se apoia no conservadorismo hipócrita e individualista, separando o sagrado do profano: tudo feito para a igreja é sagrado e deve ser feito com toda a dedicação, mas o trabalho “do mundo” não deve ter a mesma dedicação, afinal o “mundo jaz no maligno”, no entanto, o dinheiro recebido pela igreja do “trabalho mundano” é sempre bem-vindo!

A relação do salvo versus o condenado ou do crente versus o ímpio tem gerado todo tipo de preconceito, criando uma comunidade extremamente fechada, preconceituosa com quem não pertence a ela, sectária e utilitarista. Fica exposto um dualismo histórico e moralista, que trabalha com suas conveniências e aparências. Se no passado, o protestantismo era de vanguarda e colocou o país de “pernas para o ar” criando escolas, hospitais, métodos de ensino eficazes, trazendo a ciência para o cotidiano, hoje virou sinônimo de retrocesso, conservadorismo e hipocrisia. Aparentemente será difícil formar



novos intelectuais de viés evangélico como Antonio Trajano<sup>5</sup> e Eduardo Carlos Pereira<sup>6</sup>, já que o trabalho fora da igreja, serve apenas para proclamar a fé.

Uma outra implicação está ligada ao campo político com o apoio a Israel e a oposição aos palestinos, fruto da ignorância histórica que produz muito preconceito entre as nações, além de incentivar guerras no Oriente Médio. Para piorar, apresenta como algo bom e necessário para o bem da humanidade cristã, ocidental e branca, colocando os Estados Unidos como um tipo de xerife no cenário mundial, já que é o exportador de tal crença. Logo, o fundamentalismo brasileiro “é pouco criativo, não incentiva reelaborações e muito menos contextualizações” (NOGUEIRA, 2002, p. 33) e repete apenas o que foi trazido pelos “irmãos do Norte”.

A versão tupiniquim do fundamentalismo procurou ser uma cópia carbono da versão do Norte, tentando assumir o “american way of life”, mas com algumas características muito próprias, já que a população brasileira é, por si só, mais conservadora. Vale lembrar que a versão norte-americana foi uma reação ao modernismo, ao liberalismo, à secularização e à urbanização em uma sociedade que estava entrando em um período de intensa industrialização. Já a versão brasileira não tinha os mesmos desafios, mas reagiu contra a Igreja Católica Romana, o “perigo” do socialismo na década de 1960, de forma radical. Defendendo o capitalismo, o governo ditatorial militar, contrário a qualquer tipo de ideologia política, fez alianças para conseguir o que queria, como diz Dusilek, “o fundamentalismo impinge mediante sua cooptação”. (2020, s.p.)

### **Considerações Finais**

Essas interpretações contemporâneas dispensacionistas fazem muito sucesso entre os leitores evangélicos norte-americanos e foram importadas para a igreja brasileira quase de forma unânime. Obras como *A agonia do grande planeta Terra* (sic), de Hal Lindsey, e a série de romances *Deixados para trás*, Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, são panfletárias e servem para enfatizar o moralismo cristão-evangélico fundamentalista, sempre por meio do medo e do pavor, nunca como sinal de esperança.

---

<sup>5</sup>Antonio Trajano foi um professor e autor de livros didáticos de matemática com enorme influência em todo o país, também presbiteriano.

<sup>6</sup>Eduardo Carlos Pereira de Magalhães foi um ministro evangélico presbiteriano, professor, escritor e um dos mais importantes líderes do movimento protestante brasileiro do final do século XIX.



Além disso, a hipocrisia, o denominacionalismo e sectarismo da igreja evangélica, como Denis Mello apresenta em *Teocrasília*, mostram o quanto ela perdeu o ensino essencial, prático e honesto do texto para o “reino” aqui e agora, o que mina o caráter pastoral da carta destinada ao encorajamento e ao conforto dos que sofrem.

Assim a história narra um período que ocorre logo após a "Revolução da Palavra" (referência a como a Bíblia é chamada pelos fieis), o Brasil mudou radicalmente seus hábitos e cultura pelas normas dos "Legionários do Altar", grupo fundamentalista que assumiu o poder nesse futuro distópico. E como sempre há aqueles que não se enquadram nos modelos impostos de cima para baixo, eles são direcionados aos "Campos de Reconsagração" para convertidos a esse modelo.

De certa maneira são esses elementos do presente que são exacerbados para compor o cenário distópico criado por Denis Mello em *Teocrasília*, espécie de concretização política do projeto fundamentalista evangélico, ou de utopia fundamentalista evangélica, servindo também de alerta aos possíveis efeitos dessa concretização, nos lembrando que toda utopia existe ao custo de uma distopia.

### **Referências bibliográficas**

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. O imaginário religioso e a construção identitária de uma nação. In. **Teologia e espiritualidade**. Revista eletrônica do curso de Teologia. n. 3. Faculdade Cristã de Teologia, Curitiba, 2003.

**Bíblia**. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

CASTRO, Alexandre de Carvalho. **A Sedução da Imaginação Terminal**. Uma Análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003. Acesso em 18 de mar. De 2024

O PLANO DIVINO. **CPAD**. Disponível em: <<https://www.cpad.com.br/mapa---o-plano-divino-4403/p>> Acesso em 18 de mar. de 2024

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**. Uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek. A resistência. In. CHEVITARESE, André; CAVALCANTI, Robinson; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná Louise de





(Orgs.). **Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares**. Rio de Janeiro: Kliné Editora, 2020.

FERREIRA, Vítor Vieira. **O bom lugar, o futuro catastrófico, Ficção Científica e algumas distopias brasileiras**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.

MELLO, Denis. **Teocrasília – O fim da inocência**. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021a.

MELLO, Denis. **Teocrasília – As sombras do cárcere**. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2021b.

MELLO, Denis. **Teocrasília – Laços de sangue**. Rio de Janeiro: Universo Guará, 2022.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil: pressupostos e desenvolvimento. In: **Revista Caminhando** 10, v. 7, 2002, p. 31- 49.

QUEM SOMOS. **Escola Sem Partido**. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/quem-somos/>> Acesso em 18 de março de 2024.

SALGUEIRO O. P., Jose. **Bíblia comentada**. Texto de la Nácar-Colunga VII (último) Epístolas católicas. Apocalipsis. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1965.

SANTOS, João Alves dos. **O Dispensacionalismo e suas implicações doutrinárias**. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/o-dispensacionalismo-e-suas-implicacoes-doutrinarias/>>, acesso em 18 de março de 2024.

SEBASTIÃO, Andréa dos Reis. **A crença no arrebatamento da Igreja: seus desenvolvimentos e transformações imagéticas**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

**Artigo recebido em: novembro/2023**

**Artigo aceito em: março/2024**